



VIDAS DIGITAIS, corpos analógicos



Velhos dispositivos ressurgem
para atenuar mazelas da virtualidade
reportagem de Kalil de Oliveira



VIDAS DIGITAIS, corpos analógicos

Velhos dispositivos ressurgem para atenuar mazelas da virtualidade

Apuração, redação e edição
Kalil de Oliveira

Orientação
Daisi Irmgard Vogel

Projeto-gráfico editorial e diagramação
João Wads

Fotografia
Felix Mittermeier | Px Here
Brett Jordan | Pexels
Mali Maeder | Pexels
Gabriel Passos | Reprodução
@maddietothebone | Tumblr | Reprodução
Beco do Disco | Reprodução
Folha de São Paulo | Reprodução
Solum Bokvennen As | Reprodução
Volkan Olmeza | Unsplash
Etsy | Reprodução

Bê Vieira tenta falar todo dia com 23,9 mil pessoas que o seguem no Instagram. Nem todos dão bola. Para que escutem suas músicas, ele recorre ao que chama de “idiotice”, uma aba destacada com stories que o mostram fazendo brincadeiras. Por exemplo, em um dos vídeos, ele forma frases com letras de placas de carros. Depois de fisgar certo público, espera que assistam aos reels (vídeos de até um minuto e meio gravados na vertical) em que canta *mashup* (misturas de músicas) de artistas diferentes – como 2pac e Djavan – enquanto cozinha, ou gravações nas quais faz música com sons não convencionais – como despertadores. Por fim, após os seguidores passarem por média diária de quatro stories e semanal de um post e um reel, Bê pede que eles cliquem no link da bio e acessem seu perfil no Spotify.

No *streaming*, vão encontrar a canção mais popular dele, “Avoadão”. A segunda mais escutada, “Gamou”, é parcialmente composição sua. “Amor, não sei o que eu seria se não fosse o teu olhar / Gamou, então coloca uma dose de whisky e deixa rolar” são alguns dos versos da canção, que foram enviados por fãs em caixa de perguntas no Instagram.

– Peguei tudo que a galera mandou e usei como material para compor essa música, tá ligado? Foi bem maneiro. Pegou pontos de visualização pra caramba e trouxe bastante público para o meu trampo – diz. – É um exemplo muito bom de como a rede social pode ser benéfica.

Bernardo, o Bê, tem 22 anos e o sonho de se tornar cantor pop famoso. Natural de Florianópolis (SC), mudou-se para o Rio de Janeiro (RJ) para realizar a ambição. O mercado industrial da música é definido pela performance dos artistas na internet e a facilidade comercial de uma canção em se tornar *trend* – viral nas redes sociais. Para um músico jovem, fora do circuito Rio-São Paulo e longe de ter berço artístico, conquistar esse espaço é fundamental para o sucesso, explica. Mas Bê diz que não é artista digital. Abre um sorriso e agradece, com empolgação, o convite para falar sobre o espaço do digital na vida dele.

– Em mesa de bar, às vezes é questão de tempo até eu falar “esse celular é a desgraça na vida da sociedade. Essa porra tem que acabar!”.

– Por quê?

– Não é que tem que acabar – se corrige. – Mas é que, como muitas grandes invenções do mundo, o *smartphone* é uma parada que vem com a proposta de ajudar. Só que hoje em dia, a

Bê Vieira lança singles em parceria com o selo Toca Discos e a Unival Music
GABRIEL PASSOS/DIVULGAÇÃO



discussão não é mais sobre o celular ser uma ferramenta e sim como ele tem papel muito grande no nosso controle mental.

Ele diz, assim como quase todos os jovens que deram entrevista para **esta reportagem**, que as redes sociais forçam a comparação com outras pessoas e que isso afeta a saúde mental. Bê, por exemplo, se angustiava ao ver as métricas maiores nos perfis de outros cantores. Por causa disso, tentou imitar as estruturas musicais e visuais dos artistas com mais curtidas e se frustrou: se sentiu outra pessoa. Além disso, percebeu que o celular lhe mata o tempo livre, que considera fundamental.

“ se você é solteira, grande parte do flerte é feito pelo Instagram, respondendo stories ”

– No primeiro momento em que deito e tô tranquilo sem fazer nada, puxo o celular, que dificulta a minha criação. Preciso ter momentos ociosos para ter a brisa de ter as ideias e de olhar o mundo ao nosso redor.



Conversei com dezenas de pessoas. Foram tantas que é impossível inserir o depoimento de todas nessas páginas. Algumas, em entrevista. Gravador ligado, pergunta e resposta. Outras, na mesa do bar. Como para Bê, a digitalização da vida se tornou meu assunto preferido. A questão é que não houve nenhuma pessoa que relatasse relacionamento saudável com o digital. Algumas têm mais problemas, outras menos.



Poliana Silva, 18 anos, se considera fora do padrão estético. O Instagram destruí sua autoestima, ao exibir fotos de outras garotas com corpos magros, muitos deles com procedimentos estéticos ou mesmo montagens.

– Perto do final de semana, começava a ficar ansiosa porque estava sempre em casa. Ficava muito no celular, nas redes sociais. Sábado e sexta à noite, via os stories das pessoas

que sigo. Todo mundo saindo, com um relacionamento amoroso, com amizades e com uma família perfeita que não tem nenhum problema. Muitas vezes chorei e fiquei mal mesmo. Parecia que todos tinham uma vida, menos eu.

Passou a se comparar, a se sentir mal e buscar formas de ser idêntica ao padrão que observava na rede. Por isso, entrou em uma **comunidade** para bulímicos e anoréxicos no Tumblr que incentiva e ensina a manter transtornos alimentares a adolescentes.

– Tinham tags [etiquetas para mapear informações], e o algoritmo me levava para elas. As meninas davam dicas para emagrecer e era uma espécie de submundo.

Submundo porque os termos são em códigos. Por exemplo, Ana significa anorexia. Ana tem uma amiga chamada Mia, a bulimia. Ser bulímica ou anoréxica, nessa rede, era construção identitária e motivo de orgulho. Os conteúdos seguem disponíveis na rede social.

– Você colocava na sua bio: “sou Ana”, “sou Mia”. Éramos meninas muito novas, claramente menores de idade.

Na época, Poliana fez a dieta, recomendada na rede, que consiste em 40 horas sem comer e chegou a perder 10 quilos em pouco mais de um mês.

Esse comportamento é um transtorno prejudicial para o organismo. No caso dela, após perceber o problema, refletiu sobre a influência dos dois sites na sua saúde e decidiu abandoná-los. Até hoje, possui apenas uma conta no Instagram com cerca de 20 seguidores – todos, amigos – para compartilhar poucas fotos, que, frequentemente, acaba apagando depois de algumas horas.

– O Instagram hoje é parte da nossa cultura e vida social. É difícil estar longe da rede em que a maioria das pessoas da nossa geração se relaciona? – pergunto.

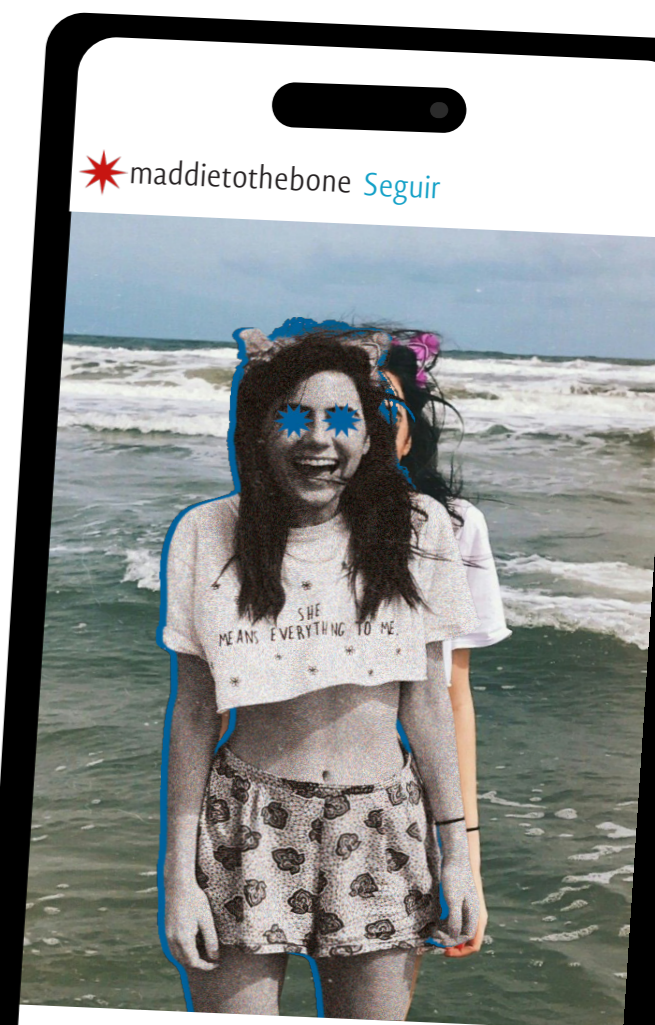
– De certa forma, eu já não estava com muitas amizades. Por isso, foi mais fácil. Mas, antes de me mudar, teria sido mais difícil. Se você é solteira, grande parte do flerte é feito pelo Instagram, respondendo stories. Ano que vem, pretendo voltar a usá-lo.

Quando completar 19 anos, Poliana pretende começar a trabalhar com *marketing* digital. Para ela, é impossível se aventurar nesse mercado estando distante das redes sociais.

Pouco se importa se os amigos dela são virtuais ou analógicos, e conhecer cada pessoa com quem ela conversa há anos através das redes sociais é totalmente desnecessário para

Publicação em rede social incentiva transtornos alimentares ao promover anorexia e bulimia

REPRODUÇÃO/TUMBLR/@MADDIETOTHEBONE



i just wanna look like her

#proana #promia
#proanorexia #probulimia #thinspiration
#thinspo #anamia #eatingdisorder

formar vínculos, diz. Até porque ela sempre teve dificuldades em fazer amizades físicas. Por viver no subúrbio de Salvador (BA), longe de escolas de referência, precisou se mudar muitas vezes para estudar, o que impulsionou o desenvolvimento de ansiedade e depressão, acredita.

Pesquisadores das universidades de Aarhus, na Dinamarca, e Manchester e Plymouth, na Inglaterra, confirmaram que crianças que se mudam frequentemente têm mais facilidade de virarem adultos depressivos. O estudo ainda verificou que mesmo que os jovens permaneçam em comunidades violentas, as chances de desenvolver o transtorno mental são menores. O artigo “Changing Neighborhood Income Deprivation Over Time, Moving in Childhood, and Adult Risk of Depression” foi publicado na revista *JAMA Psychiatry* em 17 de julho de 2024. Eles analisaram dados de todos os dinamarqueses nascidos entre 1982 e 2003.

Essa instabilidade, acredita Poliana, criou a necessidade de desenvolver outras formas de se relacionar e um bloqueio para sair de casa. É justamente por isso que se frustrou, primeiro, quando Elon Musk comprou o então Twitter, mudando a programação algorítmica, e, com isso, o conteúdo que ela frequentemente via. Segundo, quando o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes ordenou a suspensão da rede social, em 30 de agosto de 2024, por violar decisões judiciais. O X (ex-Twitter) era o principal espaço de socialização da garota, diferente do Instagram ou Tumblr. Aos 14 anos, criou uma conta informativa e fanática sobre a banda americana Now United. Nessa época, conheceu algumas de suas melhores amigas, que a ajudavam a produzir conteúdo para o perfil.

– Isso é sinal de solidão? – pergunto.

– O oposto. A internet possibilita o contato com outras pessoas e, no meu caso, até criar relações novas.



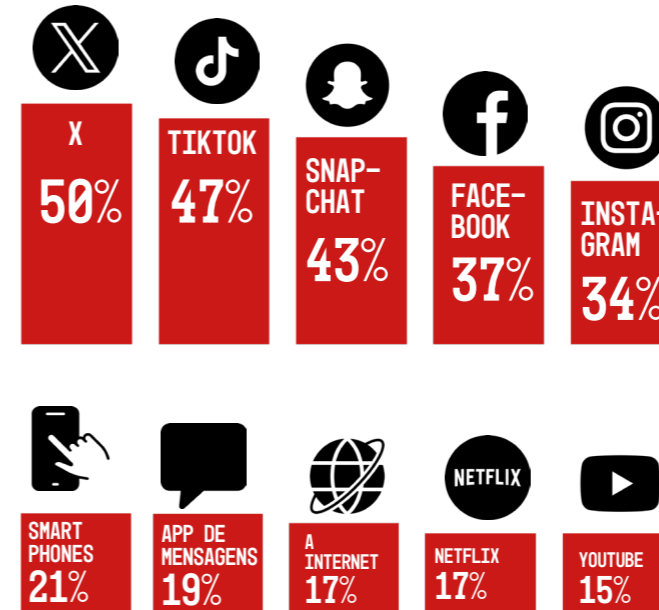
Poliana e Bê são parte de uma tendência paradoxal. Por um lado, apontam problemas. Por outro, consideram o digital bom. Uma pesquisa do The Harris Poll, publicada no *The New York Times* em 17 de setembro de 2024, revelou que um terço da geração Z gostaria que o Instagram não existisse. Quase metade diz isso em relação ao TikTok. Jonathan Haidt, pesquisador da Universidade de Nova York e autor do livro *Geração Ansiosa: Como a infância hiperconectada está causando uma epidemia*

de transtornos mentais, analisou os dados e afirmou que é um comportamento raro para consumidores de qualquer produto. Além disso, 60% desses jovens afirmam que as mídias sociais têm impacto negativo na sociedade e 29% se dizem feridos pessoalmente pelo uso dessas redes.

O estudo mostrou que muitos se sentem presos às redes sociais. Sentem dificuldade de sair do espaço que consideram o principal para a socialização. A pesquisa entrevistou 1.006 jovens dos Estados Unidos.

PARTE DA GERAÇÃO Z GOSTARIA QUE REDES SOCIAIS NÃO EXISTISSEM

Porcentagem de jovens americanos da geração Z que concordaram com a sentença “eu gostaria que ____ nunca fosse inventado/a



FONTES: HARRIS POLL/ZACH RAUSCH/THE NEW YORK TIMES

Há um componente viciante no digital. A nomofobia é a adicção em telas, explica a psicóloga Anna Lucia King, que ministra a disciplina “Dependência digital” do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal de Rio de Janeiro (UFRJ). A pesquisadora também coordena o Instituto Delete, vinculado à mesma instituição, que fornece tratamento para pessoas com esse vício, que pode incluir receita de medicamentos psiquiátricos. A professora, no entanto, é enfática e explica que nem tudo é dependência, alguns casos são má educação que pode ser tratada com o estabelecimento de regras. Também diz que o

digital não cria nenhum tipo de transtorno mental, mas que os acentua em pessoas com pré-disposições genéticas.

Se, como observa Poliana, o Instagram é hoje o espaço de paquera, como pessoas de 20 e tantos anos vão poder explorar suas sexualidades fora de lá? A resposta, como defende Jonathan Haidt no artigo do *The New York Times*, é analógica e exige uma mudança cultural no comportamento da juventude.



O Instagram é controlado pela empresa Meta, do bilionário Mark Zuckerberg. A mesma companhia administra o Facebook e o WhatsApp. Em 31 de julho deste ano, a Meta divulgou os resultados financeiros do primeiro semestre do ano: lucro de US\$ 13,4 bilhões. Bigtechs, como a Microsoft, Google, X, Amazon, Ali Baba, Meta e Apple, tem valor de mercado de cerca de US\$ 10 trilhões – maior que o produto interno bruto (PIB) de toda a América Latina.

Essas empresas são administradas por poucas pessoas e carecem de regulação, como diz King. Elas controlam o fluxo de informações e, com baixa transparência, determinam que conteúdos são direcionados a cada usuário, formando, assim, padrões de comportamento e consumo.



JOVENS RECORREM À TECNOLOGIAS ANALÓGICAS PARA PRESERVAR SAÚDE MENTAL

Amar e ser amado, pode parecer piegas, mas faz parte da vida. “À sina doída de um amor sem fruto, / E minh’alma na treva agora dorme / Como um olhar que a morte envolve em luto. / Que me resta, meu Deus?”, escreveu o ultrarromântico Álvares de Azevedo, no século XIX, sobre uma paixão platônica. A arte, a literatura, a música e o cinema ficariam esvaziados se eliminássemos as tramas que envolvem protagonistas com dor de cotovelo. Esses eu-líricos são quase todos da faixa dos 20 anos. É por essa idade que descobrimos muita coisa – o prazer do sexo, a angústia da vida. Por isso, Andre Aguiar sofreu, aos 21 anos, quando terminou seu namoro em outubro de 2023. Do mesmíssimo jeito que Álvares de Azevedo, ele não quis mais sair de casa.

O jovem foi diagnosticado com transtorno de déficit de atenção (TDAH) aos 11 anos, doença que possui sintomas muito parecidos com os de depressão e ansiedade. Naquele término, que considera conturbado, desenvolveu síndrome de pânico, se sentia cansado, com falta de ar, irritado e tenso. Porém, uma coisa o diferenciava dos jovens sofredores do romantismo: a digitalização da vida. Se Azevedo, ou qualquer outro escritor com ideias suicidas, tivesse acesso às mesmas redes sociais de Andre, talvez o resultado fosse muito mais extremo que um poema dramático. O Instagram intensificou o transtorno mental do jovem do século XXI. Ver todos os dias e em todos os momentos imagens de outros homens e da ex tocando a vida mexeu com a autoestima dele. Após perceber isso, reeducou-se e saiu por um tempo da rede social, baixou a média de uso diário do telefone de 5 horas para 1 hora e meia. Com a ajuda do hobby de colecionar discos de vinil, acredita que conseguiu superar essa etapa.

Tudo isso ele me contou às 15h31min de um sábado ensolarado, não muito quente, na sacada do meu apartamento enquanto meus discos tocavam na vitrola, tomávamos café e ele fumava três cigarros de palha, um atrás do outro. Na época, eu o entrevistava para uma reportagem que publiquei na *Folha de S.Paulo* em 4 de setembro de 2024. Escrevi no jornal essas informações. Disse, também, que ele só saía de casa quando podia, pois desenvolveu crise de pânico, que, para se animar a ir para a rua, se permitia comprar um vinil. Nessa época, a coleção de LPs dele cresceu, e ele voltou a ter interações sociais, mesmo que em sebos. Por causa de um cara desconhe-

O disco favorito de André é um de Ivan Lins, que conheceu por uma recomendação de um desconhecido em um sebo do Centro de Florianópolis
REPRODUÇÃO/BECO DO DISCO



cido, acabou comprando o disco *Somos Todos Iguais Nesta Noite*, de Ivan Lins, que o algoritmo jamais iria recomendar, que logo se tornou um de seus favoritos. Ele explica que pouco importa conhecer algo em aplicativos de música ou pelo vinil. Aliás, muitas vezes escuta álbuns pelo Spotify antes de decidir investir em um disco. Mesmo assim, passar longos minutos em sebos, para ele, permite a descoberta de sons que considera que o *streaming* nunca lhe ofereceria.



Cheguei mais ou menos 14 minutos mais cedo ao ensaio fotográfico. O fotógrafo, contratado pelo jornal, só chegaria às 15. Esperei cinco minutos antes de ligar para Andre. Às 14h51 enviei para ele por WhatsApp “opa Andre tô aqui na frente”. Não me respondeu, esperei um minuto e comecei a ligar. Nada. Liguei cinco vezes. Nada. Às 15h01min, o fotógrafo chegou, desci do carro e o cumprimentei. Nenhum de nós conseguiu contato com Andre.

Passar longos minutos em sebo, para Andre, permite a descoberta de sons que considera que o *streaming* jamais lhe ofereceria

Ele mora na avenida Baldicero Filomeno, no sul da Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, que costuma ser movimentada aos fins de semana por causa da via gastronômica e da arquitetura colonial do bairro Ribeirão da Ilha. Mas era terça-feira, fazia sol, 17°C. A casa fica escondida atrás de uma loja de artesanatos em madeira, que o pai dele faz. É a fonte de renda da família. Uma mulher de cabelos castanhos, de altura mediana, saiu do estabelecimento e perguntou:

- Querem falar com o Andre? – disse a mãe do jovem.
- Sim.

– Vou chamar. Esse menino não atende o WhatsApp mesmo – disse, rindo, enquanto nos direcionava à entrada da residência, um portão de madeira no canto esquerdo. O terreno agrupa três casas. Na primeira, vive o avô. Ele mora na do meio, uma casa que mistura madeira com alvenaria. Subimos a escada.

– Cuidado com a cabeça – alertou Andre após nos cumprimentar.

No lado esquerdo tem o quarto dos pais e, à frente, o dele. Quando entramos, vimos a cama, a cortina tampando a sacada e a estante com muitos discos, câmera analógica, máquina de escrever, acordeón, livros e boné do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Nas paredes, algumas pinturas feitas por ele, que é artista visual. Na cabeceira, se repete um personagem de cabelos nos ombros, bigode grosso e olhos negros. Lembram o cantor Belchior, no entanto, são autorretratos. Ao virar à direita, entramos em outra seção do quarto, igualmente lotada de artes, muitos pôsteres de músicas da música popular brasileira, vitrola e um sistema de computadores que beira aos de ficções científicas, e ele usa para jogar jogos como *Resident Evil 4*. Nesses metros quadrados, Andre vive entre o digital e o analógico.

Naquele dia, foi fotografado para a reportagem que a Folha publicou uma semana depois. Nas redes sociais do jornal, após a publicação, o jovem foi chamado de muitas coisas: “parece um velho”, “não toma banho há dois meses”, “playboy”. Fiquei preocupado e escrevi para saber como se sentia. “Não olhei mais. Me fez querer usar o insta por um bom tempo dnv”, respondeu.



Mesmo depois da experiência desagradável, Andre quis falar comigo novamente. Dessa vez, para **esta reportagem**. Disse que lamenta as críticas, mas que entende que seus *hobbies* analógicos lhe permitiram viver mais tranquilamente. O digital é importante, porém deve ser visto como ferramenta, e não uma extensão do próprio corpo.

– O boca a boca não morre. Tenho amigos com quem mantenho a interação de trocar LPs. Com o Igor, meu melhor amigo, fazemos sessões para escutar discos completos.

Nas redes sociais, usuários criticam hobby de Andre

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM/@FOLHADESPAULO



Yasmin Wolff, 22, tem uma câmera *cybershot* rosa da Sony que não acessa a internet. A estudante de arquitetura da UFRJ comprou para não ter o celular roubado no Carnaval do Rio de Janeiro, nenhum motivo além desse. O modelo custa menos de R\$ 50 em alguns sites. Mesmo depois da folia, continuou usando o aparelho porque, para ela, as fotos têm outro significado – o que o filósofo alemão Walter Benjamin chama de *aura*.

Essa volta para uma tecnologia do fim do século XX não teve nada a ver com saúde mental, mas ela começou a perceber benefícios. Por causa do aparelho, deixou de buscar o telefone na bolsa para fazer fotos e não enfrentou mais um acúmulo de notificações que a deixava distraída e imersa em redes sociais quando estava com amigos.

Eduardo Fernandes, 24, passou por processo parecido. Estudante de cinema na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), começou a colecionar DVDs pela estética, para bancar o estilo de cinéfilo que o curso exige. Porém, ao botar os filmes para rodar no Playstation 4, deixou de ver as notificações que chegavam enquanto assistia aos filmes no computador, esqueceu o *pause* e passou a se concentrar mais facilmente nas cenas. Além disso, garimpa os DVDs em sebos pelo Centro de Florianópolis, o que tornou-se programa tradicional de fim de semana com amigos. Assim, depende de coincidências para encontrar filmes novos que, muitas vezes, nem conhecia. No *streaming*, é bombardeado por um algoritmo potente que praticamente o obriga a permanecer em sua bolha e o desvia de conhecer outros materiais – algo fundamental para um futuro cineasta. Ainda, percebeu que assistir filmes virtualmente prejudicava a memória, logo já não se lembrava do que viu. Com o DVD, sente que a lembrança é mais profunda e, por ter o objeto físico, costuma ver e rever.

Após começar a fotografar com a *cybershot*, Yasmin reduziu as buscas pelo telefone na bolsa. Para ela, isso ajuda a viver mais os momentos

FOTO: ACERVO PESSOAL/YASMIN WOLFF



COM A TENDÊNCIA, EMPREENDEDORES ENCONTRAM OPORTUNIDADE PARA LUCRAR

Olhar o sol desde a Serra da Cantareira é confortável no fim de tarde de 9 de setembro de 2024. Pode-se observar o contorno que forma o círculo alaranjado perfeitamente, como se os raios de luz fossem impedidos de passar daquela delimitação. O céu é mescla de lilás e amarelo, cor de fogo. A paisagem é sinal claro de que os tempos são novos. Na segunda década do século XXI, a fuligem das queimadas da Amazônia e do Pantanal formam um manto opaco na atmosfera do Brasil. Nesse dia, a cidade de São Paulo teve a pior qualidade de ar do mundo. Lá, onde arde, há Internet em alta velocidade via satélite, fornecida pela empresa Starlink, de Elon Musk.

Mariana Ferrari, 28, olha com angústia para o alto nesse pôr do sol. Não vê beleza, mas violência. Despede-se de seus galos com uma xícara de café na mão, entra em casa, senta-se à mesa e começa a teclar em uma máquina de escrever modelo Olivetti Lettera 82 verde água de 4 kg. Ao lado, tinta, fita e, para preservar a ideia em caso de emergência, blocos de notas com canetas. Escreve algo bem pessoal: cartas. Depois, contos. No mesmo aparelho, depois de quatro anos, acabou de finalizar seu primeiro romance, cujo título é *Feita de morte*.

Ao terminar a carta, revisa, finaliza, faz cópias em uma fotocopadora, envia e sela artesanalmente. No dia de enviar, dirige o carro por 20 minutos até a agência dos Correios do bairro Jardim São Paulo, na Zona Norte da capital paulista. Após aguardar 5 minutos em média, envia os textos para seus assinantes, que pagam R\$ 30 para receber o conteúdo escrito por ela.

– Não é um saudosismo anacrônico? – pergunto.

– Não. É respeitar o tempo.

O filósofo alemão Walter Benjamin, em “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, diz que a arte surgiu em contexto de culto. Primeiro como magia e, depois, como religião. Por isso, o fazer artístico e sua apreciação possuíam um aqui/agora único, que teve a aura enfraquecida, de acordo com o autor, pela reprodutibilidade técnica – as tecnologias de reprodução da fotografia e do cinema. Se com materiais analógicos Benjamin teve esse entendimento, o que ele pensaria da reprodução no digital?

A escritora, antes de poder viver apenas da literatura – também é *ghostwriter* e oferece cursos de escrita criativa –, trabalhou como repórter. Na revista *IstoÉ*, escreveu crônicas.

Após deixar a redação, passou a publicar textos autorais na conta do Instagram, o que causou angústia pela reprodução técnica digital.

— A ritualística de escrever é muito importante para mim. Quando vou escrever, preciso ter a noção de que não ficarei 5 horas escrevendo inúmeras páginas. Às vezes vou sentar e escrever três linhas que são fundamentais naquele momento. As redes sociais me angustiavam porque acabavam com o ritual da crônica, um gênero literário em que o escritor fica completamente nu e coloca todas as suas nuances de visão de mundo. Só que, no momento que eu compartilhava nas redes, a crônica desenvolvia um tempo muito curto. No dia seguinte, ela já estava velha, sem a mesma capacidade de atingir as pessoas. Então pouco adiantava minha ritualística de imersão ali, de escrever a mão e depois passar para o computador.

Para Mariana o analógico tem a capacidade de gerar deslumbramento ou, como a escritora chama, “susto bom”, que é a sensação de se surpreender positivamente com uma obra de arte. Ela diz que no digital seus leitores liam o texto e o viviam no momento da leitura, mas, em seguida, ele já perdia valor, era esquecido, e tornava-se um dado a mais no mar de informações que é a internet.

— É como se eu não permitisse que a literatura se diluísse no tempo necessário que ela precisa para compreensão.

Em uma das reportagens que escreveu, Mariana expôs a diferença entre a leitura de textos em telas e impressos. Um dos psicólogos que entrevistou disse que, por mais que as notificações do celular ou do computador sejam desativadas, a leitura é prejudicada no digital de qualquer forma porque o aparelho

“
”
**As redes sociais
me angustiavam
porque acabavam
com o ritual da
crônica**



FOTO: REPRODUÇÃO/ETSY

ativa sentidos do nosso corpo que criam a necessidade de abrir outros aplicativos e sites.

– Você passa a viver uma nova vida, a viver um novo universo, e essa é a grande potência de uma leitura, de fato profunda. É como se você conseguisse se desligar do mundo exterior e se aprofundar naquilo que diz muito mais sobre você. Tá escrito ali no papel e isso é algo que somente as leituras e os contatos analógicos podem nos proporcionar.

A pauta dela foi combustível para seu projeto pessoal. O tempo, concluiu, está massacrado, subvertido. O neoliberalismo é tecnoliberalismo, *smart*, como observa o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han. As comunicações entre amigos e familiares são velozes, aceleradas, muitas vezes duplicadas, como é permitido fazer com áudios no WhatsApp – e há quem não aguarde escutar um minuto no aplicativo.

O “Carta por carta”, clube de assinaturas da Mariana, é a maneira que ela encontrou para desafiar a ordem. Começou trocando correspondências com amigos e familiares, até que encontrou na angústia digital de outros uma fonte de renda – ainda que ela não goste de definir o que faz como *business*. No dia que conversou comigo, fechou parceria com uma empresa. Juntos, querem expandir exponencialmente o número de assinantes em 2025.

Mesmo considerando o valor da assinatura acessível, ela entende que buscar tecnologias analógicas não é possível para todos, mas é uma necessidade humana. Por isso, ela acha que devem ser feitas iniciativas para democratizar o contato com, no caso que ela exemplifica, livros em papel.

– Como que uma pessoa que passa de duas horas e meia a três no trem para chegar em casa vai conseguir ler um Dostoiévski? – questiona.

Ela entende que as tecnologias digitais criam exaustão. Esse cansaço é conhecido como “burnout digital”. Por causa disso, acredita que um retorno ao analógico é fundamental justamente para combater essa fadiga proporcionada pelo consumo de informações nas redes sociais. Esse tipo de reflexão não significa a imposição de tendências de consumo.

“ o retorno ao analógico é fundamental para combater fadiga de consumo de informação

O analógico pode ser a leitura de um livro comprado em um sebo virtual, pode ser parar para fazer um desenho em bloco de notas ou simplesmente não fazer nada. As cartas surgiram para Mariana a partir de uma reflexão pessoal sobre a forma como ela se relacionava com os amigos e familiares.

– Comecei a perceber quantos e-mails e mensagens de WhatsApp eu enviava por dia. Não conseguia me lembrar exatamente o que eu havia comunicado com algum amigo. Parece que são tantas as informações que elas se perdem, diferentemente do que acontecia quando eu recebia uma carta. Lembro de cartas que nem eram um assunto importante, mas me recordo exatamente do conteúdo. O “Carta por carta” nasceu dessa minha necessidade de trazer uma forma de comunicar com as pessoas que me lêem de uma maneira que eu acho que esse envolvimento artesanal com o papel é capaz de proporcionar, além de resgatar o que chamo de “comunicação durável”.

Tão durável que, diferentemente de muitos recursos das redes sociais, a carta não dura 24 horas. Ela pode atravessar anos, sujeita às ações do tempo, porém preservada de perder-se entre outras tantas milhões de mensagens. Será?

Trabalhos que retornam ao analógico, como o dela, são frequentemente taxados de *hipster*, considerados um “hobby burguês”, “falsa necessidade criada pelo capitalismo para vender mais”, “fetichismo da mercadoria”.

– Isso diz muito mais sobre como as pessoas querem encarar e viver os tempos de hoje. Não entendo como uma questão conservadora ou saudosista. Acho que a gente precisa ter respeito com o tempo, como o Dorival Caymmi escreveu nas cartas dele.

“O tempo é ligeireza, é repouso, é pra dar preguiça. Não é para passar só. O passar nele é natural”, escreveu o artista baiano.

Produzir no analógico, para Mariana, não é só pelo ritual mas também forma de desvincular seu trabalho das tendências impostas pelos algoritmos. Para ela, praticamente tudo que é produzido hoje é feito em um molde feito para viralizar nas redes sociais. Cada vez mais produtores artísticos falam abertamente que as obras são concebidas para dominarem a internet. O processo criativo é, muitas vezes, testado por inteligências artificiais, e as letras incluem coreografias, com a intenção de fazer com que as pessoas postem dancinhas no TikTok. É o caso do hit do Carnaval 2024, “Macetanto”, de Ivete Sangalo e Ludmilla, que tem como refrão “De ladin’, coraçãozin’ / Manda beijinho para quem tá filmando”. Alguns outros artistas também têm questionado esse modelo. O uruguaio Jorge Drexler pergunta, em “¡Oh, Algoritmo!”: “Dime qué debo cantar, oh, algoritmo / Sé que lo sabes mejor, incluso que yo mismo / Mhm, por ejemplo esta canción / ¿Qué algoritmo la parió? / Me pregunto si fui yo / ¿La elegiste o te eligió?”. E o brasileiro Caetano Veloso canta: “Agora a minha história é um denso algoritmo / Que vende venda a vendedores reais / Neurônios meus ganharam novo outro ritmo”.

Walter Benjamin observou que a capacidade de “captar o semelhante no mundo” se fez aguda devido à reprodução técnica, e com ela o momento único, a aura, desaparece. Para o filósofo, assim “se manifesta na esfera sensorial a tendência que na esfera teórica explica a importância crescente da estatística”. Com os algoritmos ampliando e estimulando a reprodução, produções, como a de Ivete Sangalo, são orientadas em função da massa consumidora. Os produtos culturais massivos são elaborados com base em extensos relatórios e estatísticas. Forma-se um ciclo: as massas alimentam a estatística, que alimenta as massas com velhas novidades. Todas iguais. O que Mariana propõe com o “Carta por carta” é romper essa lógica do mesmo.



A Revista Noize surgiu em Porto Alegre em 2007. Começou como um blog amador cobrindo a cena de música independente gaúcha. Depois, contrariando o mercado editorial do mundo, virou impressa. Passou a circular gratuitamente, financiada por publicidades, em bares porto-alegrenses, e expandiu para São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. O impresso, para eles, desenvolveu um afeto táctil pela publicação. Em 2014, a Noize virou *Noize Record Club*. Todos os meses, eles enviam um disco de vinil e uma revista temática para cerca de 10 mil assinantes. A mensalidade é R\$ 95. São, ao menos, R\$ 950 mil por mês de entradas na empresa.

– É uma moda? – pergunto a Ariel Fagundes, 35 anos, coordenador e editor da NRC.

– Não. É uma resposta à expansão do consumo digital de música – responde ele. – É um fenômeno que acompanha a expansão do *streaming*. O fluxo de informação do meio digital é avassalador e, ao mesmo tempo, superficial.

Muitas vezes, nas plataformas, os créditos estão equivocados, e os álbuns não possuem informações que costumam acompanhar os encartes dos LPs.

– O vinil é a mídia que mais oferece conteúdo imagético e textual para o público. Tu vais ter imagens, a ficha técnica expandida, às vezes, uma carta do artista. A obra de um músico em um disco não é só a música. Nunca foi.

Desde que comecei a apurar esta pauta, passei a colecionar discos. Depois dessa entrevista, fui vasculhar meus vinis. Descobri que a bateria em “Ela é dançarina”, de Chico Buarque, que tanto gosto, é de Wilson das Neves. Essa informação não está no Spotify. Pirei na capa de *To pimp a butterfly*, disco que já escutava no digital, mas nunca reparei na fotografia de Denis Rouvre.

– O mundo analógico tem uma vantagem imbatível em relação ao digital. O objeto físico é a informação concretizada. Podemos ter coleções e guardá-los com pontos de afeto. O impresso também tem relevância na documentação física da informação. Os jornais antigos são uma fonte de pesquisa para a academia, para a história. Como vai se dar o estabelecimento da memória daqui para frente?

De acordo com a Pró-Música Brasil Produtores Fonográficos Associados, as vendas físicas do mercado de música tiveram faturamento de R\$ 9 milhões no primeiro semestre de 2024, o que representa 0,6% do faturamento da indústria fonográfica brasileira nestes meses. Os LPs foram responsáveis por R\$ 6 milhões, 22,4% a mais do que no período anterior. Em seguida, os CDs faturaram R\$ 2,5 milhões.



PARA PROFISSIONAIS DE SAÚDE, RECORRER AOS OBJETOS ANALÓGICOS PODE SER BENEFÍCIO

Talvez seja fácil pensar assim quando você tem um conflito de interesses do tamanho de R\$ 30 mil ou quase R\$ 1 milhão. Mas psiquiatras, psicólogos e psicanalistas recomendam o equilíbrio entre tecnologias digitais e analógicas aos seus pacientes – e aplicam nas próprias vidas. Neury Botega, 66 anos, é psiquiatra, especialista em depressão de crianças e adolescentes. Professor aposentado da Universidade de Campinas (Unicamp), tornou-se referência em transtornos mentais de jovens ao participar de programas de televisão, como o *Conversa com o Bial*, da TV Globo, e *Café Filosófico*, da TV Cultura. A experiência clínica tirou qualquer dúvida que ele poderia ter: “o digital faz mal para todo mundo”.

No entanto, como diz o ditado, casa de ferreiro, espeto de pau. Quase todos os pacientes de Botega possuem quadros de depressão, ansiedade, dependência ou insônia. Casos graves provocam forte angústia, desespero acompanhado de ideias suicidas. Por causa do quadro desses pacientes, eles têm acesso ao número pessoal do médico que, entre uma consulta e outra, dava uma olhadinha nas notificações e lia mensagens como “doutor, me ajuda. Não aguento mais”.

– Às vezes, chegavam mensagens muito difíceis, pesadas, de sofrimento e muita angústia. Eu tinha que dar uma resposta rápida porque o próximo paciente já ia chegar. Notei que ficava muito cansado.



o digital faz mal para todo mundo

Costumam ser cerca de 15 mensagens novas entre uma consulta e outra. O psiquiatra suspirava, cruzava as pernas por cima da escrivaninha do consultório e ligava para cada um desses pacientes, o que chegava a consumir meia hora após cada consulta. Atender mais uma dezena de pacientes após ler é tarefa complicada e afetou a qualidade das consultas de outras pessoas – e sua própria saúde mental. Agora, só abre e responde às mensagens dos pacientes ao final das consultas da manhã e, depois, das consultas da tarde.

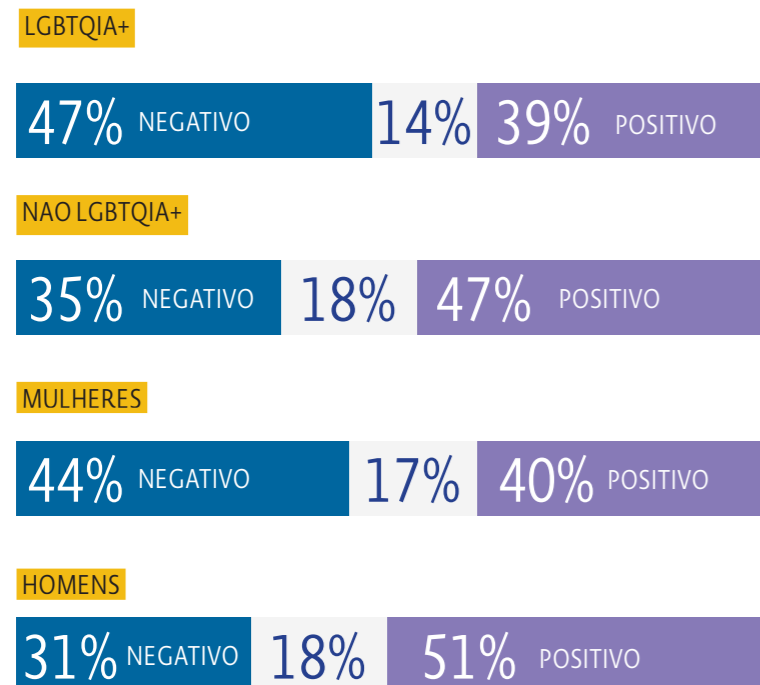
– Quando chegou o WhatsApp, passei a chamar de terceiro turno. Mudei minha atitude para ganhar tempo. Agora, vou para casa, não vou ficar respondendo mensagens.

A própria experiência dele – aliada a relatos de seus pacientes – permitiu que Botega refletisse sobre o efeito de dispositivos digitais na saúde mental. Para ele, as tecnologias proporcionam “um aprisionamento”.

A psiquiatria desenvolveu o termo “depressão do Facebook”, que são sintomas do transtorno mental causados pela sensação de ver publicações de outras pessoas em situações mais positivas – viagens em lugares paradisíacos, momentos de felicidade etc. Esse tipo de angústia é muito frequente em usuários do Instagram. Andre, Poliana e Bernardo passaram por experiências parecidas. A sensação que fica, explica o médico, é que só a pessoa que vê tem dor psíquica e existencial. O fenômeno é mais frequente em mulheres e meninas, que são expostas a um ideal estético de corpos irreais, como mostra aquela pesquisa do The Harris Poll.

TIPO DE IMPACTO QUE AS REDES SOCIAIS TÊM NA SAÚDE EMOCIONAL

Pessoas LGBTQIA+ e mulheres da geração Z são mais prejudicadas pela exposição excessiva à telas



FONTE: HARRIS POLL/ZACH RAUSCH/THE NEW YORK TIMES

A insônia, percebeu o psiquiatra, tem relação com o uso de smartphones. Estudos comprovaram que eles possuem componentes viciantes que liberam uma série de hormônios, como dopamina, ao, por exemplo, curtir uma publicação. Dessa forma, as pessoas querem mais e mais ficar online e isso inclui o momento de dormir. No processo evolutivo do ser humano, a seleção natural permitiu que nosso sono viesse à noite justamente pela ausência da luz. É no escuro que o nosso corpo começa a liberar melatonina, o hormônio do sono. Acontece que a luz do celular emite uma carga luminosa similar à do sol, só que diretamente na cara. O resultado são horas rolando pela cama sem sono.

Para ele, todos esses efeitos prejudiciais do digital podem ser combatidos com o equilíbrio com tecnologias analógicas.

– Vamos ficar um pouquinho analógicos de novo, porque ficando analógico, fico mais tranquilo, me relaciono diferente com as pessoas e com o meio que me circunda. Quando você estiver com a pessoa que ama, esqueça o celular. Crie espaços em que possam ficar livres desse mundo virtual que nos invade.

Ele explica que os casos mais graves do impacto digital são nas crianças, e que cabe aos pais mostrar a elas que existem outras formas de escutar música ou fotografar. São maneiras mais saudáveis e que estimulam a criatividade, argumenta. Para ele, essas crianças compõem uma geração que vive isolada do que chama de encontros reais.

– É a geração do quarto. É um incentivo à rapidez, ao automatismo. A capacidade de se aprofundar e ler um texto mais longo e formar um pensamento mais crítico pode ser prejudicada pela grande horizontalidade das redes sociais e da internet. O grande desafio das escolas é ajudar as crianças a navegar por esse mundo da hiper-informação.

Além disso, ele observa dificuldades da geração Z de enfrentar o tédio, que é um momento desconfortável, mas importante. No primeiro momento vazio, as pessoas recorrem ao celular. Faça o exercício, observe as pessoas caminhando, no transporte público ou em restaurantes: quase todas com o aparelho na mão, matando o exercício do ócio. O sociólogo Domenico De Masi, em O Ócio Criativo, de 1995, argumenta que a criatividade exige reflexão e descanso. Não só no sentido de criação, mas o tédio permite o pensamento em diversas coisas, inclusive sobre a nossa existência.

O filósofo Byung-Chul Han identificou todas essas frustrações relatadas aqui e discorreu sobre elas em vários dos seus livros. Em *Infocracia*, por exemplo, o professor da Universidade de Artes de Berlim argumenta que a democracia degenerou-se em regime de informação. Em uma passagem, argumenta que os indivíduos são *infomanos* – viciados em informações digitais. E que, por isso, a maneira de ser *ser humano* foi modificada pelo advento de recursos como a inteligência artificial. O ócio, pensa o autor, é elemento importante para a criatividade e o desenvolvimento de reflexões. Quando somos *infomanos*, pensa ele, não existe mais tédio, tempo para pensar, porque quando não estamos fazendo nada, recorremos aos *smartphones* e rolamos infinitamente pelo *feed* de notícias das redes sociais, consumindo informações. Esperar sozinho o pedido em um restaurante sem o celular pode ser uma grande angústia para muitas pessoas.

O smartphone, pensa ela, não é um vilão, mas o seu mau uso, sim

As tecnologias analógicas ajudam a desconectar e podem mitigar efeitos adversos do digital. Elas não produzem ócio, ao contrário. Elas nos estimulam de modo saudável. Não são capazes de produzir uma cura e resolver problemas contemporâneos muito graves, mas podem melhorar a saúde mental.

A solução para os problemas causados pelo digital não vem da substituição por uma nova forma de consumo, mas de legislações e políticas públicas que abranjam toda a sociedade. Isso é o que pensa Anna Lucia Spear, da UFRJ. Para ela, o Estado deve criar regras que delimitem o uso dessas tecnologias e que impeçam que abusos sejam cometidos pelas *big-techs*. E tudo isso deve ser acompanhado de uma reforma pedagógica que eduque as crianças desde cedo sobre os malefícios do digital e sobre como usar os benefícios das tecnologias de forma saudável. O *smartphone*, pensa ela, não é um vilão, mas o seu mau uso, sim.



ACESSO À INTERNET PERMANECE DESIGUAL NO BRASIL

A Organização das Nações Unidas (ONU) afirma, desde 2011, que a internet é direito humano. O próprio Marco Civil da Internet do Brasil considera a conectividade fundamental justamente por promover a liberdade de expressão e, sobretudo, o acesso à informação. O isolamento social imposto pela pandemia de covid-19, em 2020, expôs a fragilidade do tema. Alguns jovens – o caso de muitos **desta reportagem** – puderam ficar em casa e estudar ou trabalhar remotamente sem tantos prejuízos. A queixa deles é que, por causa disso, passaram tempo em excesso nas telas, acabaram desenvolvendo angústias e, em casos graves, transtornos mentais como os aqui relatados. No entanto, enquanto eles se sentiam assim, muitas crianças, adolescentes e outros jovens não tiveram sequer acesso à internet para seguirem com seus estudos. Segundo a pesquisa TIC Educação 2022, do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), a pandemia causou “abismo entre classes sociais” por conta da baixa conectividade em classes pobres.

O excesso de tempo em telas é, sim, um problema grave, mas a falta dessas telas é um marco da desigualdade brasileira a ser superado. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2023, 5,9 milhões de domicílios do país não possuíam acesso à internet, sendo porque: nenhum morador sabe utilizar (33,2%); o serviço é considerado caro (30%); ou simplesmente não viam necessidade no serviço (23,4%). A desigualdade é mais grave em áreas rurais, sobretudo do Norte e Nordeste do país.

Uma pesquisa do Datafolha mostrou que 50% dos brasileiros com menos de 18 anos têm celular próprio. O estudo entrevistou presencialmente 2.029 pessoas com 16 anos ou mais, em 113 municípios do país, entre 7 e 8 de outubro de 2024.



Em 30 de setembro, com ajuda do Lar Fabiano de Cristo, eu reuni um grupo de sete adolescentes do Monte Cristo, periferia da região continental de Florianópolis. Deles, seis tinham seus *smartphones* pessoais. A garota que não tinha possui baixa visão, o que, para a educadora que me atendeu lá, é o motivo de não ter um celular. A menina me contou que não sente necessidade, mas que, às vezes, utiliza o da mãe.

– Para tirar fotos – fala.

A ausência de tecnologia não é a realidade desses adolescentes. No entanto, o digital é heterogêneo. Aparelhos podem custar de menos de R\$ 300 a mais de R\$ 6 mil, como o novo iPhone 16.

– A tecnologia que chega nas periferias é pobre e condicionada – relata a educadora social Amanda Koshnick, mestranda em educação profissional e tecnológica.

Além disso, ela argumenta que os algoritmos são desenvolvidos pensando nas classes média e rica. Por isso, vídeos que exaltam modelos de vida – que são tendência no Tik Tok, por exemplo – possuem alto engajamento ao expor um modelo de vida incompatível com a realidade desses jovens. Enquanto isso, vídeos similares que possuam como fundo uma parede de tijolos à vista serão distribuídos para poucos usuários da rede social. A diferença provoca angústia, diz o psicanalista Christian Dunker.

– O indivíduo se vê fracassando. Quando percebe que os recursos que tem e a posição onde está não são suficientes para enfrentar o conflito daquela diferença, surgem pensamentos de culpa, de vergonha e de isolamento.

Quando cheguei no Fabiano de Cristo, os adolescentes estavam em aula. Eles bufaram e se incomodaram quando a educadora os convocou para que conversassem comigo em uma outra sala. Apenas uma, Mariangela, foi sorridente e entusiasmada. Os outros, estavam tímidos. Eu, também.

Perguntei a eles quanto tempo permaneciam nos celulares.

– O dia todo, só que, tipo, não o dia inteiro – disse uma.

– É... – concordaram alguns em coro.

– Nove horas – prosseguiu outro.

– Seis horas – falou mais um.

Eles me contaram que usavam os smartphones para duas coisas: acessar ao Instagram e jogar *Free Fire*. Nenhum deles se sentia incomodado com a digitalização excessiva. Precisei insistir muito para que escapasse uma resposta que corrobora minha hipótese:

– Às vezes, quando recebo muita informação, respondo todo mundo e largo um pouco o telefone.

Mas nenhum deles sente necessidade de voltar ao analógico, ou conhecê-lo.

– Quando tô jogando bola, o celular fica lá no canto.

Algumas das informações apuradas no Monte Cristo foram publicadas, por mim, na Folha de S. Paulo em 27 de novembro de 2024



HÁBITOS SIMPLES PODEM ALIVIAR ANSIEDADE

A psicanalista Maria Rita Kehl, 72 anos, me atendeu por chamada de vídeo às 16h41 numa quinta-feira de setembro de 2024.

– Alô? – perguntei.

– Alô?! Alô?! – dizia agitada, segurando um telefone fixo na orelha direita enquanto me olhava através da câmera frontal do celular.

Não entendi nada. Alguns segundos depois, apoiou o telefone no suporte, pediu desculpas e disse que falava com técnicos da Netflix. Esse mesmo telefone voltou a tocar seis vezes ao longo da entrevista, deixando-a nervosa. “O telefone nunca está completamente sob controle. Ele interrompe a vida cotidiana, entra abruptamente no espaço privado, fazendo com que sua presença seja sempre um ato de invasão”, escreveu Walter Benjamin. Me pergunto: se ele achava isso do aparelho fixo, o que diria das notificações constantes das redes sociais? É disso que quero falar com Maria Rita.

– Vou pensar em voz alta – avisa e começa a pensar. – Benjamin dizia que o acesso à técnica é uma coisa monstruosa que se sobrepõe ao homem. Hoje, a técnica não só se sobrepõe. Ela nos suga. Existe um imperativo inconsciente que o psicanalista francês Jacques Lacan aponta: “Se você pode fazer alguma coisa, você deve”. A pessoa olha o celular para ver se alguém lhe escreveu e de repente virá uma necessidade de saber sempre se está acontecendo algo.

Essa necessidade foi definida com a sigla FOMO (*fear of missing out*) – medo de perder algo, em tradução aproximada. É uma condição que, segundo Neury Botega, da Unicamp, ativa a ansiedade. “Isso é um problema muito grande para quem sofre de ansiedade porque o tempo todo tem que ficar verificando se há alguma novidade, se há alguma mensagem. Inclusive se há uma última notícia de algum acontecimento importante em algum lugar do mundo que a pessoa sente que ela precisa ficar sabendo para ter um maior controle”, diz o psiquiatra.

Kehl conta que na clínica dela nunca ouviu relatos angustiados em relação ao digital – diferente de Botega –, mas que ela mesma sente mal-estar por causa do smartphone que, conta, produz “uma estranha forma de solidão”.

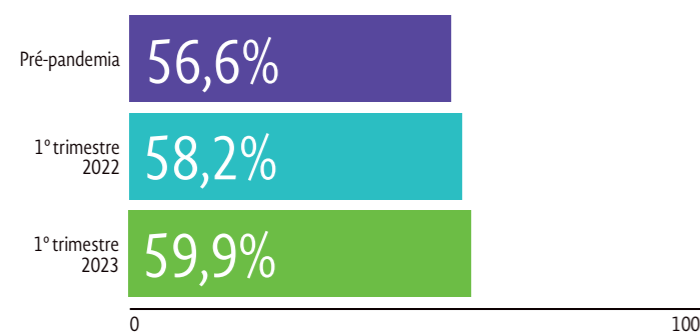
Compartilhei um dado com ela. Cerca de 60% dos brasileiros passaram tempo excessivo em telas no ano passado. Esse “tempo excessivo” é o uso recreativo por três ou mais horas de computadores, tablets e celulares.

76%
dos brasileiros
entre 18 e 24 anos
passam mais
de 3 horas em
computadores,
tablets e celulares

FONTE: COVITEL

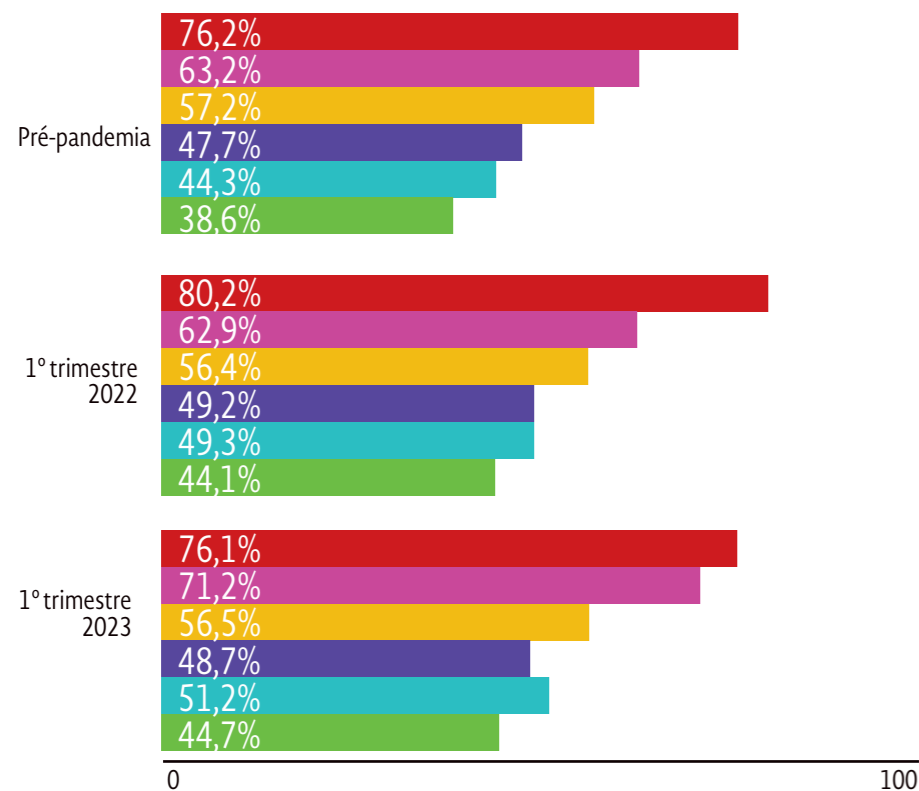
ATIVIDADE FÍSICA E TEMPO DE TELA

Na faixa etária de 18 a 24 anos, o abuso foi registrado em cerca de 76% das pessoas, e na faixa de 25 a 34, em 71%. Os dados são do Inquérito Telefônico de Fatores de Risco para Doenças Crônicas não Transmissíveis em Tempos de Pandemia (Covitel), realizado pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e pela Vital Strategies. É possível afirmar que o uso de tela é maior para as faixas etárias mais baixas. Os intervalos das faixas 18 a 24 (68,1 - 82,5) e 25 a 43 (65,6-76,3) se cruzam, não sendo possível afirmar que o tempo de tela dessas faixas seja diferente.



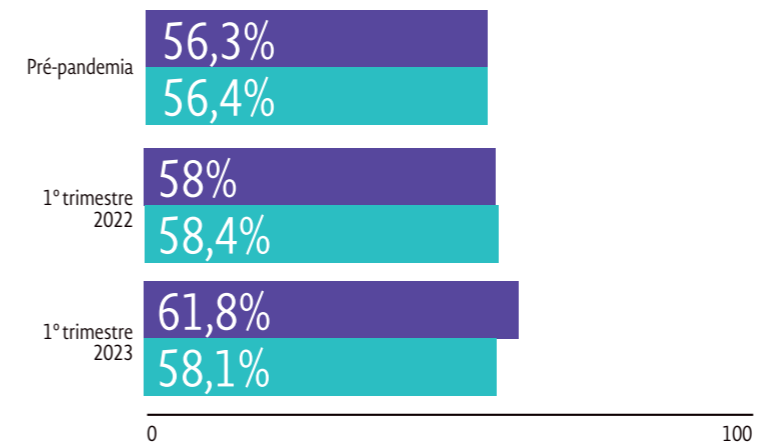
FAIXA ETÁRIA

18 a 24 anos 25 a 34 anos 35 a 44 anos
45 a 54 anos 55 a 64 anos 65 anos ou mais



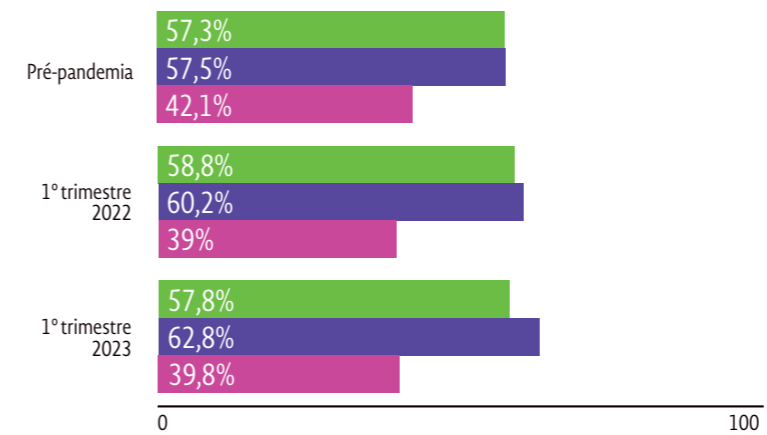
GÊNERO

Masculino Feminino



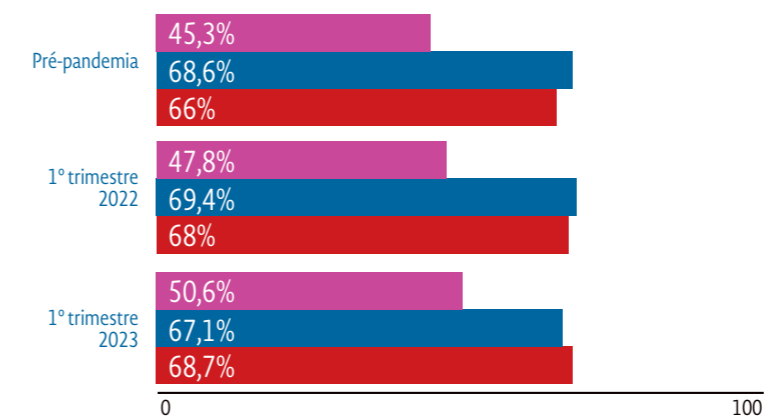
RAÇA

Branca Preta ou parda Outras



ANOS DE ESCOLARIDADE

0 a 8 anos 9 a 11 anos 12 anos ou mais



No entanto, expliquei para ela, muitos dos jovens que entrevistei usam o telefone de 6 a 12 horas diariamente.

– Estou assustada! – disse. – Isso dá uma gastura. Você não consegue viver o próximo. De repente ficou três horas no celular e se isolou... O livro mais relevante que escrevi foi *O tempo e o cão*, fazendo uma associação entre a velocidade da vida contemporânea e a depressão. Isso se aplica muito à questão desses novos dispositivos.

Pergunto se a estratégia de Andre, Yasmin, Eduardo e Victor, de começar a consumir tecnologias analógicas, é positiva.

– É muito interessante termos contato com a materialidade da vida. Acho muito interessante você se deslocar e ir ao cinema, por exemplo. Você entra numa sala, tem uma tela e não adianta você dar o fora quando acha chato, até pode, mas no celular é só apertar a setinha e fechar. Alguma coisa está dando errado.

O antropólogo Claude Lévi-Strauss afirmava que os objetos são estruturantes nas relações humanas. Que eles organizam a experiência humana em sistemas de significado e categorias. Perguntei a Maria Rita o que ela pensa sobre isso. Ela se levantou e, com a câmera, me mostrou sua casa: uma infinidade de CDs e muitos livros.

– Tem muita vida nessa casa – disse. – A pulsão tátil pode ser aplicada a objetos também.

Para ela, a experiência do corpo em contato com o mundo é fundamental, e a gente perde isso com o *smartphone*.

– Não interagimos com a televisão ou celular. Interagimos com outras pessoas. Entrar em um grupo de WhatsApp e ficar de mensagem em mensagem é uma condição solitária e muito viciante.

Mesmo assim, Maria Rita faz questão de lembrar que não é especialista no assunto e que por isso não pode dizer se voltar às vitrolas pode ser benéfico ou não. Diz que, pela própria experiência, ao usar muito o telefone, se sente uma ratinha de laboratório condenada a correr desesperada eternamente em uma jaula. Aos 30 minutos de entrevista, falou que já estava se sentindo assim ao conversar comigo via videoconferência. Entendo o recado, agradeço a disponibilidade e pergunto:

– Antes de encerrar, a senhora gostaria de dizer alguma outra coisa?

– Só quero dizer uma coisa: caminhem nas ruas. Façam coisas a pé. A pulsão circula aí também.

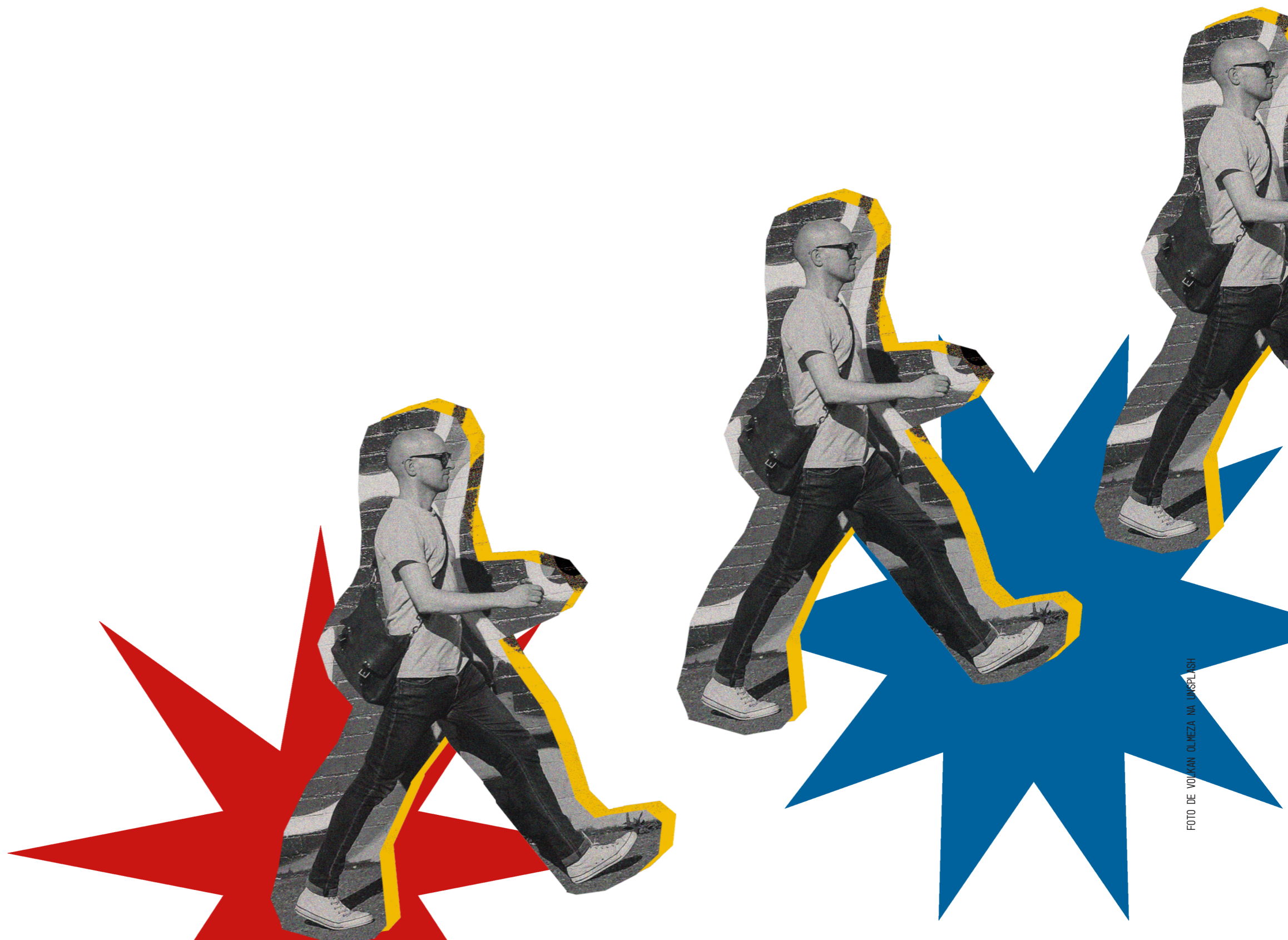


FOTO DE VOLKAN OLMEZA NA UNSPLASH

Este trabalho de Conclusão de Curso foi feito pelo estudante Kalil de Oliveira Rodrigues e submetido ao curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da professora Daisi Irmgard Vogel.

